



CETERC
BOLETIM TÉCNICO
01/2011

PADRÃO RACIAL COMENTADO

MORFOLOGIA



CAVALO CAMPOLINA
QUEM CONHECE, RECONHECE



Associação Brasileira dos Criadores do Cavalo Campolina
CETERC – BOLETIM TÉCNICO 01/2011
PADRÃO RACIAL COMENTADO - MORFOLOGIA



AUTORES

Alessandro Moreira Procópio
Bárbara Bueno Romagnoli
Diogo Gonzaga Jayme
Roberto José Gazzinelli Cruz
Thiago Henrique Leandro Costa

REALIZAÇÃO

Associação Brasileira dos Criadores do Cavalo Campolina
CETERC

COLABORADORES

Diretor Presidente
Luiz Augusto do Amaral Filho



SUMÁRIO

1. FINALIDADE	4
2. APARÊNCIA GERAL	4
3. CABEÇA	6
4. PESCOÇO	9
5. TRONCO	9
6. MEMBROS	12
REFERÊNCIAS	16

1. FINALIDADE - Cavalo de sela marchador para o trabalho e lazer

O Campolina deve ser fundamentalmente um animal marchador por essência, que quando montado, naturalmente se locomove dando comodidade ao cavaleiro, que o utilizará para o passeio e lazer com a família, e que também deve estar apto ao trabalho no campo e para a disputa de provas funcionais.

2. APARÊNCIA GERAL – Equino de alto porte, tipo sela, proporcional, equilibrado em sua aparência, nobre, atento e dócil, apresentando linhas harmoniosas e bem definidas

A aparência geral do Campolina deve sempre ser o seu cartão postal. Um animal ímpar em seu porte com proporcionalidade, equilíbrio e harmonia entre as partes do corpo. Deve possuir um conjunto de frente inconfundivelmente expressivo, marcante nas suas formas, que além de belo seja também funcional.

2.1. Qualidade - Constituição forte e vigorosa, estrutura com musculatura proporcional, ossatura seca e harmoniosa, pele fina, pêlos finos e macios

Deve apresentar-se sadio, com bom desenvolvimento muscular, mas sem exageros. A ossatura forte e sem calosidades ou desvios. Um animal com pelos brilhantes e pouco tecido conjuntivo entre a pele e os músculos e OSSOS.

2.2. Altura - Mínima aos 36 meses: Machos = 1,54 e Fêmeas = 1,45 Ideal para Adulto: Machos = 1,62 e Fêmeas = 1,56

Um animal adulto da raça Campolina deve ser mediolíneo, ou seja, com altura na cernelha e comprimento do corpo de dimensões aproximadas e amplitude torácica mediana. Estas medidas de alturas ideais apresentadas, significam que procura-se um animal de porte alto, mas sem exageros.

2.3. Temperamento - Dócil e ativo, de fácil manejo e equitação

A docilidade é uma característica que permite que aqueles que lidam ou montam o Campolina o façam com tranquilidade e segurança. Sendo ativo, deve estar atento ao cavaleiro e responder aos seus comandos. Deve facilmente ser criado e cuidado no dia a dia.

2.4. Pelagens - Admitidas todas as pelagens e particularidades

Uma raça com pelos com grande variedade de tonalidade e cores o que lhe permite forte inserção no mercado, para os que gostam do cavalo nas suas mais diversas pelagens.

2.5. Proporções: A relação entre os comprimentos de cabeça, pescoço e espádua devem guardar medidas aproximadas (1:1:1)

As dimensões de comprimento do dorso-lombo, comprimento da garupa, e largura da garupa devem guardar medidas aproximadas e ligeiramente menores ao comprimento da cabeça, que deve ter o mesmo comprimento do pescoço, das espáduas e da distância do jarrete ao solo.

Altura de cernelha e comprimento de corpo devem guardar medidas aproximadas.

Altura de costados deve ser próxima, mas um pouco menor que o vazio sub-esternal.

A altura da cernelha e comprimento do corpo devem guardar a proporção de aproximadamente duas vezes e meia o comprimento da cabeça.

3. CABEÇA

3.1. Forma - Trapezoidal tendendo a retangular quando observada de perfil; com a extremidade das narinas menor que a extremidade da nuca; proporcional no seu comprimento, largura e altura, harmoniosa e proporcional

Em sua vista de perfil, a cabeça do cavalo Campolina, deve formar um trapézio. A proporcionalidade e a harmonia da cabeça estão em tê-la de tamanho proporcional ao pescoço e ao corpo, além de guardar proporções entre largura profundidade e comprimento. A cabeça além de abrigar o cérebro e os órgãos dos sentidos, tem como finalidade física de funcionar como um pêndulo de equilíbrio do cavalo, devendo ser leve para facilitar as manobras e o bom andamento dos animais.

3.2. Perfil = Retilíneo na região frontal, suavemente convexilíneo no chanfro, sendo a convexidade com início abaixo da linha dos olhos e com término acima da região das narinas

O perfil da cabeça do Campolina exprime a particular beleza da raça. A frente deve ser ampla e plana e a suavidade da convexidade do chanfro deve ser respeitada mesmo nos machos, não existindo diferença no padrão para machos e fêmeas. O exagero tanto na convexidade, assim como no comprimento, são defeitos. É sempre bom lembrar que o retilíneo também é aceito.

3.3. Orelhas - De textura delicada, tamanho e afastamento proporcionais às dimensões da cabeça, paralelas, dirigidas para o alto, móveis em torno de seu eixo, com pavilhão de abertura mediano e terminado em forma de ponta de lança

Alguns consideram as orelhas o cartão de visitas do equino. Realmente uma forte beleza zootécnica nesta região, funciona com grande impacto no conjunto de frente do Cavalo Campolina. A movimentação e mobilidade das orelhas demonstram uma característica altamente desejável no cavalo, demonstram atenção, percepção e atitude. O seu paralelismo e sua terminação lanceolada, ao invés de tesourada, é meramente estético, porém seu direcionamento para o alto, significa melhor condição em captação de sons, portanto mais funcionais. A medida delas deve ser de acordo com o tamanho da cabeça, o exagero em seu tamanho deve ser depreciado assim como as de tamanho muito pequeno.

3.4. Fronte - Ampla e plana

Estas regiões tem como referência, nos proporcionar um indicativo do espaço cefálico que o cavalo possui. A ausência de proliferações ósseas representa um perfeito fechamento da cabeça, e nos traduz também forte beleza zootécnica.

3.5. Ganachas - Definidas, afastadas, com contornos ósseos, nítidos e suaves

As ganachas, que são os ramos da mandíbula estão também associadas às bochechas. Seu afastamento é necessário porque entre elas passam a traquéia e o esôfago, fundamentais para o equino, na respiração e deglutição respectivamente. Estas devem ser delicadas, firmes e lisas expressando bom estado nutricional e saúde.

3.6. Olhos e Olhais: Olhos afastados, móveis e expressivos, escuros com pálpebras finas e flexíveis, olhais pouco profundos

A mobilidade, expressão e afastamento dos olhos para o cavalo significam maior campo de visão, o equino por natureza, é um predado, e por tanto seu campo de visão deve lhe permitir visualizar sua região caudal mesmo que ele esteja em movimento. Olhos laterais não são bons indicativos de temperamento e em geral não contribuem para a qualidade da visão, o ideal é que sejam bem afastados, porém que de frente consigamos ver cerca de 2/3 do olho). O globo ocular saliente e escuro lhe confere expressão e menor fotossensibilidade. As pálpebras devem ser de textura fina e flexível para bem cumprir seus papéis de proteger os olhos contra agressões, e de espalhar a lágrima, lubrificando a córnea.

3.7. Narinas - Amplas, flexíveis e afastadas

A conformação das narinas também tem forte influência na funcionalidade anatômica do cavalo. As de tamanho grande, com boa amplitude, favorecem a entrada de ar inspirado e saída do expirado, principalmente em condições de esforço, o que lhe dá melhores condições para o trabalho.

3.8. Boca - De abertura média, lábios móveis, firmes e justapostos

A mobilidade e justaposição dos lábios significam melhor apreensão dos alimentos, não acumulo de resíduos, e portanto mais eficiência. A boca tem fundamental importância também na equitação, nela se agem as embocaduras, portanto as de lábios justos, móveis e de abertura média, favorecem a ação das mesmas.

4. PESCOÇO - Rodado em sua borda superior e côncavo na borda inferior, leve e musculado, com dimensões proporcionais; ligado à cabeça de forma harmoniosa e seca; bem direcionado, inserindo-se nos terços médio e superior do tronco

Considerando o pescoço o pêndulo de equilíbrio do cavalo, ou melhor o leme que lhe dará orientação, seu posicionamento, equilíbrio e proporção, conferirão ao cavalo grande habilidade na execução de manobras durante o trabalho. Quando o padrão pede rodado na sua borda superior e côncavo na borda inferior, admitindo-se o retilíneo, traduz-se que este deve ser uniforme e que sua forma dorsal e ventral devem se acompanhar, o que proporcionará flexibilidade e força na musculatura. O pescoço deve ser forte e ao mesmo tempo leve em relação ao volume, sem acúmulo excessivo de tecido adiposo, de tal forma que preserve a liberdade de movimentos do mesmo. Sua ligação harmoniosa e seca permitirá ao cavalo melhor flexionamento de sua nuca. Sua inserção nos terços médio e superior do tronco conferem-lhe novamente nobreza e eficiência em seus movimentos.

5. TRONCO

5.1. Cernelha - Longa e bem definida

Uma cernelha destacada, longa, seca, musculosa e de base larga, é fundamental para um cavalo tipo sela. A cernelha funciona como guia na acomodação da sela e como plataforma de movimentação da espádua, uma cernelha longa fatalmente proporcionará ao cavalo maior liberdade em movimentação de toda sua cintura torácica. A ligação da cernelha com o dorso deve ser suave, ela não pode ser cortante, com pouca musculatura ou excessivamente alta, expondo o cavalo a lesões provenientes do atrito com a sela.

5.2. Peito - Amplo e Musculoso

A força e cobertura muscular do peito são importantes na sustentação dos anteriores, uma boa musculatura, proporcionará um bom afastamento dos membros anteriores e uma simetria adequada ao cavalo de sela que tem como importância deste conjunto de músculos a sustentação da maior parte do peso do corpo e flexionamento dos membros anteriores, vitais para o bom marchador.

5.3. Costelas - Longas e arqueadas, proporcionando um tórax amplo e profundo

5.4. Tórax - Amplo e profundo

A amplitude e a forma do tórax estão diretamente relacionadas com o comprimento e o arqueamento das costelas. Um tórax amplo tem como finalidade, melhor abrigar todo o sistema cardíaco e pulmonar do cavalo, favorecendo seu melhor funcionamento. Outra função igualmente importante para um cavalo de sela é o contato das pernas do cavaleiro com os costados do cavalo, animais tubulares, cilíndricos, de costelas curtas, dificultam este contato e impossibilitam muitas vezes as ajudas no momento da equitação.

5.5. Dorso - De comprimento médio, reto, musculado, proporcional e harmoniosamente ligado à cernelha e ao lombo

O dorso funciona como uma plataforma de sustentação, ele suporta não só o peso do seu corpo como também o peso do cavaleiro. O dorso não deve ser demasiadamente curto nem longo, ele deve ter dimensões que favoreçam a acomodação da sela, deve sim ser musculoso a ponto de favorecer a manutenção de suas linhas. A retidão de sua orientação é vital para que não haja prejuízo na transmissão de forças e na justaposição de seus segmentos ósseos.

5.6. Lombo - Curto, reto, proporcional, harmoniosamente ligado à garupa, e coberto por forte massa muscular

O lombo curto favorece a manutenção da retidão da linha superior do cavalo. Ao contrário do dorso, o lombo não sustenta o peso do cavaleiro diretamente, porém deve ser igualmente forte e musculoso para sustentação dos segmentos por ele recobertos e bem harmônico em sua ligação com a garupa e com o dorso.

5.7. Flancos - Curtos e cheios

Eles devem ser cheios porque exprimem boa cobertura muscular e proteção as vísceras abdominais.

5.8. Ventre - De forma arredondada, harmonioso e pouco levantado na parte posterior

5.9. Ancas - Simétricas, bem cobertas e harmoniosas

As ancas como qualquer região par do corpo, devem ser simétricas. A cobertura muscular e a angulação da garupa interferem diretamente em sua beleza plástica, elas devem ser pouco proeminentes com musculaturas adjacentes harmônicas.

5.10. Garupa - De altura não superior à Cernelha, ampla, longa, proporcional, musculada, com região sacral não saliente, harmoniosamente ligada ao lombo e cauda, suavemente inclinada e de contorno suavemente convexo quando vista de perfil

A garupa exprime a potência de propulsão do cavalo. Esta deve ser

longa e ampla o suficiente para abrigar com fartura toda a musculatura desta região. A garupa do Campolina deve ser levemente inclinada, permitindo uma melhor angulação e um melhor engajamento dos membros posteriores, o que facilitará o amortecimento dos apoios. Na sua linha dorsal uma saliência demasiada da tuberosidade sacral, se traduz em uma garupa desarmônica chamada de cortante ou em telha em sua vista de trás. Com relação a sua altura deve ser a mesma da cernelha, de forma a facilitar o andamento marchado.

5.11. Cauda - Inserção média, bem implantada e dirigida para baixo, crinas fartas e sedosas

A cauda é um componente estético importante no cavalo, que além de funcionar como um acessório de defesa espantando parasitos e predadores serve como auxílio no equilíbrio nos deslocamentos do cavalo. A cauda dirigida para baixo, bem implantada e de inserção média, fornece a garupa em sua vista lateral uma harmonia e beleza zootécnica notória.

6. MEMBROS

6.1. Espáduas - Longas, oblíquas, definidas, musculosas e de amplos movimentos

As espáduas devem ser compridas, permitindo que o animal tenha maior amplitude de passadas. Sendo oblíquas, ou seja, inclinadas, elas terão movimentos mais amplos e funcionarão como amortecedores, aliviando os impactos ao cavaleiro. As espáduas devem ser musculosas para suportar o peso do animal e para firmar o membro anterior ao tronco do animal, permitindo movimentação avante e sem oscilações de seu conjunto de frente. Ao mesmo tempo ela precisa ser bem definida, indicando que sua

musculatura deve ser forte, porém, leve e sem excessos para permitir maior liberdade de movimentos.

6.2. Braços – Longos, oblíquos, musculosos e bem articulados

Da mesma forma que as espáduas, os braços longos permitem maior amplitude de passadas, e sua inclinação complementa a ação amortecedora por meio de sua articulação com a espádua. Devem possuir musculatura forte para manter a firmeza do membro anterior com o tronco do animal e devem ser bem articulados com as espáduas e com antebraços, para permitir movimentos amplos e alinhados dos membros anteriores.

6.3. Antebraços – Longos, com direção vertical e musculosos

O antebraço longo possibilita passadas maiores, e a sua direção vertical quando em estática, ou na metade da fase de apoio do animal em andamento, permite ao animal suportar seu peso sem sobrecarregar suas articulações, movimentando-se de forma alinhada. A musculatura do antebraço é muito importante para a firmeza durante sua movimentação.

6.4. Joelhos – Largos, secos, bem articulados, e aprumados na mesma vertical dos antebraços e canelas

O joelho, que é o nome dado ao carpo, é uma articulação do membro anterior localizada aproximadamente na metade da parte livre do membro. Deve ser largo, com perímetro pouco superior ao antebraço e a canela, para suportar as forças resultantes do peso do animal em contato com o solo durante sua locomoção. O termo 'secos' refere-se à ausência de excesso de líquidos articulares ou de outros tecidos resultantes de lesões que prejudiquem sua movimentação. Eles devem ser bem articulados e aprumados para que o animal tenha movimentos amplos e livres e possa se firmar com equilíbrio na fase de apoio dos membros.

6.5. Coxas – Musculosas

As coxas devem ser musculosas para manter o membro posterior bem ligado ao tronco. A musculatura da coxa é fundamental para dar força ao animal durante sua locomoção através da impulsão dos membros posteriores.

6.6. Pernas – Fortes, longas e musculosas

As pernas longas permitem passadas mais amplas e sua musculatura forte, permite movimentos alinhados e vigorosos dos membros posteriores.

6.7. Jarretes – Secos, lisos, fortes e bem articulados

Os jarretes são articulações que tem importante função de impulsionar o animal e por isto devem ser fortes. Eles devem ser secos e lisos, ou seja, sem aumento de volume resultante de lesões. Sua articulação livre permite a elevação e avanço dos membros alinhados, equilibrados e com maior amplitude.

6.8. Canelas – Médias, secas, com tendões fortes, bem delineados e direção vertical vistas de perfil

Tanto nos anteriores quanto nos posteriores as canelas devem ter comprimento médio, sendo a dos posteriores um pouco maiores que a dos anteriores. Não devem ser muito curtas para permitir maior desenvolvimento de suas passadas e não devem ser muito longas para manter o animal bem equilibrado. Seus tendões devem ser fortes para lhe dar firmeza nos movimentos que também devem ser bem delineados para permitir a visualização de sua integridade e força.

6.9. Boletos – Largos, definidos e bem articulados

Os boletos são articulações que recebem grande impacto no momento de apoio dos membros e devem ser largos e definidos para suportar as forças resultantes. Importante ressaltar que estes devem ser largos, porém, sem exageros e também não devem possuir sinais de taras. Os boletos devem ser bem articulados para auxiliar na função de amortecedor e também na impulsão do animal.

6.10. Quartelas – Médias, oblíquas, fortes e bem articuladas

As quartelas tanto dos anteriores quanto dos posteriores funcionam também como potentes amortecedores e devem, portanto, ser oblíquas ou inclinadas para aliviar o impacto do apoio do casco sobre o solo. Quando muito longas, tendem a se inclinar em demasia (quartelas arredadas) levando o animal a lesões dos boletos e tendões. Quando muito curtas, limitam seus movimentos articulares, tendendo a ser mais verticais, diminuindo sua capacidade de amortecimento, e por isto devem apresentar comprimento médio.

6.11. Cascos – Consistentes e hidratados, harmoniosamente ligados às quartelas, proporcionando boa inclinação; arredondados nos anteriores e ovalados nos posteriores.

Os cascos devem ser consistentes, para suportar o peso do animal com o mínimo desgaste. Devem possuir a parte de trás mais baixa para permitir boa inclinação, auxiliando a quartela na função de amortecimento. Os cascos dos membros anteriores são arredondados favorecendo o apoio e os dos posteriores um pouco ovalados favorecendo a impulsão.



Associação Brasileira dos Criadores do Cavalo Campolina
CETERC – BOLETIM TÉCNICO 01/2011
PADRÃO RACIAL COMENTADO - MORFOLOGIA



REFERÊNCIAS

Regulamento do serviço de registro genealógico da Associação Brasileira dos Criadores do Cavalo Campolina: anexo – Padrão Racial, Belo Horizonte, 2006. p. 51-56.